

UMA FAMÍLIA DE POETAS

(TRABALHO LIDO NA SESSÃO DE QUINTA-FEIRA, DA ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS)

No dia 28 deste mez, Alberto de Oliveira completaria os seus oitenta e quatro annos de idade.

A passagem dessa data na proxima segunda-feira é motivo sufficiente para que na sessão de hoje evoquemos a figura daquelle que foi uma das glórias ma's puras desta casa, a figura daquelle que é um dos numes tutelares da poesia brasileira.

Pareceu-me um acto de justiça prestar a Alberto de Oliveira, em commemoração a essa data, uma homenagem de especie nova, homenagem que é bella e que é necessaria, e que, entretanto, até agora não lhe fôra prestada. E essa homenagem consiste em evocarinos não a sua figura, já tantas vezes lembrada entre tantos formosos encomios: mas, sim, em evocarinos aquelles que foram seus companheiros d'lectos de toda a vida, os seus irmãos, essa phalange fulgurante de mulheres e de homens, todos dotados de real talento, quasi todos sem excepção poetas.

UM LAR QUE SE CONSTITUE — A POESIA DE SAQUAREMA

No anno de 1848, um rapaz chamado José Mariano de Oliveira e uma linda moçolla de nome Anna Ribeiro de Mendonça, contrahiram casamento.

Elle era nascido em Capivary, Estado do Rio, e trazia nas veias um bom sangue de lusitana. Vira a luz da vida no anno de 1813. Ella nasceu em Macahé, em 1832, e pertencia a illustre familia muito espalhada no territorio fluminense e em outras provincias do Imperio. D. Anna Mariano de Oliveira, que falleceu em 1919 com oitenta e sete annos, era aparentada de dois gloriosos confrades nossos, Salvador e Lucio de Mendonça.

Esse casal jovem, alegre e feliz, foi residir em Palmital de Saquarema. Aos que não conheciam Saquarema, eu direi que é uma região idyllica e suave. Dista tres ou quatro horas de Nictheroy. E' sem duvida um dos recantos mais deliciosos deste humilde planeta em que vivemos. Um genio poetico, perito em coizas ama-

veis, se esmerou em ali collocar os scenarios mais lindos. — Ha ali um pedaço do Atlantico, que banha esplendidas praias alvissimas. Ha uma lagoa, que o Oceano invade de vez em quando, como na furia de umas nupcias prodigiosas. Ha tambem uma colina ondulante, que fica bem a cavalleiro do Oceano e da lagoa. Lá em cima, na graciosa colina, os velhos saquaremenses construíram em outros tempos uma igreja. E nos fundos dessa igreja, recebendo as livres brisas do mar, abriram o cemiterio. Não sei de recanto mais proprio para se dormir o eterno somno. E não sei de logar onde seja tão suggestivo como ali, ouvir para a eternidade a voz do mar, *do mar incessantemente recommçado*, como no verso de Valery.

Naquella terra feliz (onde um poeta ignorado certa vez julgou entrever a sombra de S. Pedro e dos suaves pescadores que enchem de poesia o mais bello dos livros que a mão de um homem jamais escreveu, tanta é a simplicidade e a ingenuidade da vida em Saquarema)... naquella terra feliz, dizia eu, foi morar o casal.

José Mariano installou-se em negocios de

construcção, e ao mesmo tempo se pôz a cultivar uma fazenda que pôde adquirir. Começou a prosperar, vendo em breve seus campos cobertos de cabeças de gado, vendo-os também cobertos de boas plantações de assucar e café. Chegou a possuir vinte e seis escravos, que libertou antes de 13 de Maio. Tres desses liber'os não qu'zeram abandonar o senhor: e ficaram com elle, mais escravos da sua bondade do que haviam sido escravos dos seus direitos, até á morte.

E pouco a pouco o lar se lhes foi enchendo de filhos e filhas encantadoras. Um dos filhos do casal — aquelle que mais tarde se vae tornar o poeta illustre da familia — tem sempre os olhos voltados para a quadra ingenua e meiga da existencia em Saquarema. E no apogeu de sua gloria, cantará recordando as imagens queridas dos paes, agora envelhecidos. — O poeta regressara á paisagem da infancia e lá encontrara um velho amigo de seu lar. Na conversa, vieram as piedosas evocações...

Lembrou meu pae, meu pae, seu grande amigo,
De quem se me antolhou a alta figura,

O andar pausado, o modo austero e antigo.

— "Não conheci jamais alma tão pura
Como a delle, e tão placida — me disse —
Nem outra foi maior na desventura".

Minha mãe, tão mudada com a velhice,
Lembrou: farto o cabelo se lhe aperta
Então em negras tranças (se ella o ouvisse!)

E' cada face uma papoula aberta,
Cora-as sadio sangue e esse ar sadio,
Que como o sangue, a flor do rosto esperta.

Nossa casa plantada ao pé do rio,
Em frente ao campo, em frente á escura e bella
Serra do norte, de perfil sombrio.

Nossa casa eu ouvi-lhe descrevel-a,
Com a varanda e os compridos corredores,
Quarto de hospede, quarto da capella;

A horta ao pé do engenho, aberta em flores,
Do engenho ao fundo escravos trabalhando,
Remoer de rodas, canticos, rumores...

Essa, a pa'sagem physica e moral de Saquarema, a paisagem em que se formou a alma infantil de Alberto de Oliveira e dos seus irmãos.

A CASA DA ENGENHOCA

Entretanto, não é meu intuito demorar-me mais do que o devido nesses dias gentis de Saquarema. E agora quero encontrar o casal de José Mariano e D. Anna, quando elles, já com a sua familia plenamente organ'zada, estão residindo em Sete Pontes, na Engenhoca, em Neves. arrabaldes de Nictheroy.

O lar, que ha pouco viamos constituir-se, abrigava agora dezesete filhos, sendo dez rapazes e sete meninas. As moças chamam-se Felismina, Maria, Mariana, Amel'a, Bernardina, que é apelidada Duda, Alzira e Adella. Os rapazes chamam-se Joaquim, João, José, Alberto, Candido, que tem o appellido de Dondola, Mariano, que tem o appellido de Cucula, Bernardo, Saturnino, Luiz e Alfredo.

Sem demora, aquella casa torna-se um centro de reuniões literarias interessantissimas. As moças eram espirituosas e lindas. Os rapazes

eram amáveis, talentosos, excellentes camaradas. — Quem não teria prazer em frequentar a casa encantadora?

Além das moças da família Oliveira, outras moças tomavam parte nessas reuniões. Uma família Souto, de Nictheroy, fazia-se sempre representar por tres garotas — Izabel, Guilomar e Francisca. Tambem outra moçolla, Zulmira Azamor, era frequentadora assidua daquellas festas intimas.

O nosso illustre companheiro, Sr. Rodrigo Octavio, evocou as tardes agradabilissimas da casa da Engenhoca. — Lá fôra a primeira vez em 1884, levado por Bilac. E lá encontrara alguns dos mais gloriosos nomes do Brasil intellectual: um Raymundo Correia, um Raul Pompêa, um Aluizio Azevedo, um Arthur Azevedo, um Affonso Celso, um Guimarães Passos, um Lucio de Mendonça, um Pardal Mallet, um Valentim Magalhães, todos tão queridos a esta casa. Outros rapazes illustres all appareciam sempre, como Silvestre de Lima e Alberto Silva. Miguel Couto lá esteve algumas vezes.

Essas reuniões não raro tiveram sua significação, que poderíamos dizer nacional. Muitos

dos sonetos, muitos dos poemas mais bellos do nosso parnasianismo, all foram pela primeira vez declamados. Estava estabelecido que no ultimo sabbado de cada mez determinados frequentadores declamassem trabalhos ineditos. Algumas das obras primas que Alberto de Oliveira cinzelou foram all ditas pela primeira vez. Muitos dos mais bellos versos de Bilac, de Raymundo, de tantos outros, tambem all é que foram entregues a ouvidos fieis e amorosos. Nessas tertulias intimas, os irmãos de Alberto de Oliveira davam, ora um ora outro, alguma demonstração de seu estro.

UMA EVOCAÇÃO DE ARTHUR AZEVEDO

Um dos frequentadores assíduos das reuniões da Engenhoca era Arthur Azevedo. E foi elle, na sua graciosa secção *De Palanque*, quem, pelas columnas das *Novidades*, fixou, em 1887, o aspecto daquella encantadora vivenda de poetas.

Assim escrevia, num trecho de chronica, sob o seu famoso pseudonymo de *Eloi*, o heroe :

"Deve ser muito divertida a casa desses poetas, em cuja reunião, a cada semana, se lêem e declamam os seus trabalhos."

poetas. em cujo quintal rebenta — quem sabe ?
— um v'lo da fabulosa Castalia.

Supponhamos que o primeiro a erguer-se do
valle dos lenções seja o Alberto, que entra a
passear pela casa declarando com emphase:

"Desperta, meus irmãos; fitão estreito
Surge do sol no oriente luminoso...
Querida irmã, levanta-te do leito :
Vem ver o amanhecer como é formoso !"

Um dos irmãos, sahindo do seu quarto:

"Bom dia, Alberto. Como estás ? Passaste
Perfeitamente a noite?"

O Alberto:

— "Um sonho só".

O irmão:

"Com a pallida musa tu sonhaste?"

O Alberto:

"Vi-a entre nuvens de dourado pó".

Segundo irmão:

"São horas do café: — que é do café?"

Terceiro irmão:

"Já café não se toma nesta casa?"

Quarto irmão:

"A cozinheira ainda não está de pé?"

Quinto irmão:

"Já lá está no fogão soprando a brasa".

Sexto irmão:

"Já tem nas mãos o sacco".

Setimo irmão:

"Justina, traze o meu café bem fraco".

Uma das irmãs, olhando pela janella:

**"Que bonita paisagem! Deste lado
As nuvens, as montanhas, o arvoredor..."**

Segunda irmã:

**"Daquelle, o mar, o velho namorado,
Que a branca praia vem beijar a medo..."**

Terceira irmã:

"E tão sobresaltado, "

"Eu amo-te" murmura-lhe em segredo".

Quarta irmã:

"Nestas manhãs esplendidas

Alegra-me, Senhor,

O sol abrindo as pétalas

Da pudibunda flôr..."

AS SENHORAS DA FAMILIA OLIVEIRA

Arthur Azevedo foi talvez exaggerado, ao afirmar que todos os Oliveiras eram poetas. A verdade, porém, é que aquelles que na familia não eram poetas, tinham o culto estreme-cido da poesia.

Das senhoras, D. Bernardina, que morreu ha uns oito annos e que era casada com Demos thenes da Silveira Lobo Junior, não escreveu, que me conste, nenhum verso. Sabia, entretanto, todo o seu Raymundo e todo o seu Alberto de cór. Um dos seus irmãos submetteu-a certa vez a um teste de memoria, e poudé verificar que ella sabia 379 sonetos. Na mesma occasião,

D. Amélia foi submettida a identico teste: e demonstrou saber sem cavillação 237 trabalhos entre poemas e sonetos; hoje ella declara saber mais de quatrocentos.

Das moças da família Oliveira creio que apenas duas são poetisas — D. Adelia e D. Amélia.

A primeira é professora e reside na Tijuca, sendo casada com o Sr. Augusto Miranda. Tem escripto, mas tem muito pudor dos seus versos. Não os mostra, nem mesmo aos irmãos.

A NOIVA DE BILAC

D. Amélia tambem tem um extremo ciúme dos seus versos. Em moça, foi noiva de Olavo Bilac, num idyllo encantador, a que se mesclava todo o sortilegio de uma infinita poesia. Bilac, grande amigo de sua família, amigo fraterno de Alberto e sobretudo de Bernardo, passava dias e até mezes na casa da Engenhoca. D. Anna, mãe de Amélia, emobra muito estimasse o poeta. não v'ia com bons olhos o namoro da filha. Porque? Porque tinha horror ás estroinices de Bilac, que suppunha ser o mais desordenado dos

bohemios.

Tenho porém o depoimento de Bernardo de Oliveira, que me assegura que naquelle tempo Bilac era um rapaz de costumes modelares.

O certo é que um dia D. Anna chamou á parte Bernardo, e o encarregou da mais difficil missão: a de fazer chegar ás mãos de Olavo Bilac toda a correspondencia que elle enviara a Amelia. Com o coração dilacerado, Bernardo cumpriu a determinação materna. E desde esse dia elle e Bilac não se falaram mais.

O poeta de *Inania Verba* guardou na alma a triste amargura daquelle sonho de amor, tão cedo dissipado. E sua obra reflecte, em muitas passagens, a saudade daquelle terno idyllo.

D. Amelia tambem guardou no intimo da alma o culto do seu morto noivado com o grande poeta. E seus sonetos, alguns delles tão formosos, reflectem a magua desses velhos dias de amor, tão cruelmente desfeitos.

Ainda dos tempos da Engenhoca — dos bons tempos talvez do seu idyllo com Bilac — é este soneto, que Arthur Azevedo transcrevia na chronica que acima citei:

NOITE

**Quando a hora final da Ave Maria
Deixa o éco voar espaço em fóra;
Nesse momento em que a melancolia
Mais na terra se estende e se demora;**

**Quando a sombra da noite que apavora
Encobre o sol, escurecendo o dia;
Quando não temos mais da última aurora
A doce luz, embora fugidia;**

**Quando as trevas mais negras vão crescendo
E cobrem toda a natureza; quando
Repousa e dorme tudo em paz — gemidos**

**Ouvem-se, o espaço inteiro percorrendo...
E' que tristes, no mundo, soluçando,
Vaguelam muitos orações perdidos...**

UM QUE NAO É POETA

**Como as senhoras, nem todos os homens
da familia de Alberto de Oliveira fazem versos.
Pelo menos, houve, entre elles, uma excepção:**

a do primeiro irmão, Joaquim Mariano de Oliveira.

E' elle hoje um ancião de 90 annos. Mora em N'ctheroy e é aposentado do Ministerio da Guerra. Sua paixão foi sempre a musica.

Daqui a pouco veremos como, se elle nunca fez versos, soube inspirar a um dos seus irmãos um cantico vivido e poderoso, que tem como que o fragor de um ardente hymno de guerra.

JOAO RIBEIRO DE OLIVEIRA

O segundo dos filhos de José Mariano e de D. Anna chamou-se João Ribeiro de Oliveira. Estaria hoje com 89 annos. Era professor no Estado do Rio e residia em Saquarema. Era um poeta de veia satyrica e com os seus poemas e os seus sonetos, nenhum dos quaes pude ver, encheu columnas e columnas dos jornaes de S. Gonçalo.

Era tambem um ardente e inspirado orador, tendo conquistado, no exercicio da oratoria na praça publica, verdadeiros triumphos.

Morreu em 1930, no Rio.

JOSE MARIANO DE OLIVEIRA

O terceiro dos irmãos Oliveiras herdara o nome paterno. Teria hoje 85 annos. Era engenheiro e foi uma grande figura na sua profissão. Durante vinte annos, foi companheiro de Paulo de Frontin na Companhia de Melhoramentos do Brasil e na Central do Brasil. Nessa ultima empresa, devemos-lhe a construcção da linha de penetração a Bello Horizonte.

José Mariano cedo se tornou positivista, e isso o afastou da Poesia, onde poderia ter conquistado um eminente logar. Eloi, o heroi, na chronica sobre a familia Oliveira, já por mim duas vezes citada, dizia delle: "Tambem não conto com o Mariano de Oliveira, mais conhecido pelo seu pseudonymo de Mario. Um desalmado, que pendurou a lyra no salgueiro e entrou para o Positivismo, como se entrasse para um convento de Trapistas".

Mariano de Oliveira foi convertido ao Positivismo por influencia indirecta de Capistrano de Abreu, seu grande amigo. Moraram juntos durante algum tempo, num tempo em que

Mariano era inteiramente atheu. Capistrano o approximou de Teixeira Mendes e de Miguel Lemos, com quem Mariano desde logo intimamente se ligou. Os tres positivistas casaram-se com tres irmãs e foram morar em casas contiguas, que t'nham communições internas. Viviam assim na mais estreita intimidade. Foi Mariano de Oliveira quem construiu a Capella Positivista.

Ao morrer deixou numerosa obra inédita, que somente agora vae sendo publicada. Ha pouco sahio um dos seus grammas, *Heloiça*, dedicado aos celebres amores de Heloisa e Abelardo.

Era elle um poeta amavel, que não deixava de ser gracioso. Isso o demonstram os versos que passo a citar, dedicados á boa e meiga Maria e que elle, em conformidade com o Calendario Positivista, datou de 19 de Moysés de 139, isto é, de 19 de Janeiro de 1927.

Eve teu nome, Maria,
Lembra um mundo de poesia,
Vale thesouros de amor,
Pois que em toda a Média-Idade
Era assim que a christandade
Chamava a Mãe do Senhor.

Sim, essa Virgem tão pura,
Cheia de graça e ternura
Que havia nas cathedraes,
E, assim que se invocava
E toda a Terra adorava
Naquelles tempos feudaes.

Nunca na luta o guerreiro
Entrava sem que primeiro
Volvesse os olhos ao céu,
Pedindo a exalta Princesa
Lhe d'ar naquella empre a
O desejado trophéo.

Deuse culto que crescia
Viu-se portanto Maria
Tornada a Dama commum
Dos corações bem formados,
Que estavam desoccupados
Sem ter inda affecto algum.

Por ella em todo o Occidente
Formou-se outro culto ardente
Que todo homem hoje quer,
Culto de affectos e palmas
Que ensina a todas as almas
A adoração da Mulher.

Cada lar faz-se uma nave
Onde esse anjo suave
Se eleva sobre um altar;
Ella é a Mãe e a Filha e a Esposa)
E a terna Irmã carinhosa
Que vem nossa alma encantar.

Quando cresceres, Maria,
Reconhecerás um dia
Que já nesse culto estás.
Pois já tens a mais subida
Adoração escolhida
No coração de teus Pais.

Terna, pura e com essa graça
Que em teus olhares se enlaça
Serás, moça um dia. E após
Serás também respeitada
E com carinho adorada
No culto de todos nós.

Tu serás boa de certo
Ouvindo as vozes de perto
Da terna Mãe do Senhor.
Essa Mulher que a primeira
Conseguiu na Terra inteira
Um culto ardente de amor.

Tendo ficado viuvo, José Mariano conservou
fielmente a saudade de sua companheira queri-
da. Ao completarem-se os trinta e tres annos

da morte da esposa
onde eu julgo enco-
ção camoneana :



Volta, querida, volta ao lar vasio,
E me acharás aqui qual me deixaste,
Fiei Aquelle amor que me votaste,
Apenas triste, apenas o ar sombrio.

Trinta annos vi o estio após o estio
Voltarem ! Tu somente não voltaste !
Tu somente da tumba não tornaste,
Onde foste dormir num chão tão frio.

Como os annos parecem-me compridos,
Esperando que voltes ! Se voltares,
Verás guardados inda os teus vestidos,

Guardados inda sob os meus olhares,
E os teus bilhetes tantas vezes lidos,
E tudo quanto é teu nos seus logares.

A ultima confidencia que esse soneto en-
cerra era puramente verdadeira : José Mariano
guardava comsigo todas as reliquias que a berta

amada morta lhe havia deixado. Nas vespervas de morrer, ao sentir que o seu fim se aproximava, chamou ao pé do leito o irmão Bernardo e a irmã Amélia, e, indicando-lhes um sacco de velludo, que se achava escondido num desvão do quarto, declarou-lhes que a sua extrema vontade era que aquelle embrulho fosse enterrado comsigo... Eram todos os vestidos da morta, todos os objectos miudos do uso della, as cartas que haviam trocado em namorados, em noivos e em casados, que ali estavam reunidos. Seu piedoso pedido foi piedosamente cumprido.

CANDIDO MARIANO DE OLIVEIRA

O quinto dos rapazes da irmandade era Candido Mariano, o Dondola. Foi professor publico, como tantos dos seus irmãos. Mas, ao morrer, aos sessenta annos de idade, era funcionario dos Correios de Petropolis. Deixou versos esparços, dos quaes não logrei obter nenhum.

MARIANO DE OLIVEIRA

O sexto irmão de Alberto chama-se Mariano de Oliveira. Tem hoje 82 annos e é professor

jubilado do Estado do Rio. E' um grande conhecedor da lingua portugueza, e o depoimento da sua familia é que o proprio Alberto nunca poudo vencel-o em assumptos de grammatica.

A inspiração de Mariano de Oliveira é ampla, larga e poderosa, como a de Alberto. Tem elle, entre outros, um, poema intitulado *A Minha Mãe*, evocação da terra natal de Saquarema, que se alcandora á mesma altura de *Natalia*, o poema em que Alberto evoca o mesmo ambiente e a mesma paisagem.

Artista exímio, Mariano de Oliveira é autor de dois admiraveis sonetos sobre Ashaverus, que passo a citar :

I

Meu deserto é sem fim, inexoravel, mudo,
Cruel, abrasador, quente como um vulcão,
Bardeja nelle o sol e cresta, em torno, tudo.
E o maná de Israel em vão procuro, em vão!

Meu oceano é sem fim, areal ou mar saanhudo,
Tudo é deserto e triste, inferno e solidão.
Arabe sem aduar, ou marinheiro rudo
Sem estrella polar na immensa vastidão,

Vou por este areal em busca de agua pura,
Onde possa beber um pouco de ventura
E esta febre extinguir, e esta sede apaciar;
E busco neste mar allivio á minha magua,
Ilha verde a sorrir, por este inferno d'agua,
Onde eu possa dormir, onde eu possa sonhar.

II

Ouvi rugir o vento, indomito, iracundo;
Nos penedos da costa ouvi quebrar o mar,
Como um fantasma errei nas plagas d'esta
[mundo,
Vendo os dias em treva e as noites sem luar.

Condemnado, sinistro, a correr, vagabundo,
Ismael sequioso, a chorar, a chorar,
Nesse immenso deserto o meu olhar profundo
Um oasis buscou, como os olhos de Agar:

A tudo interroguel nesta maldita senda,
E n'nguem se doeu da minha grande dor;
Fitei a vastidão, e sempre esta legenda:

— Caminha ! se tens sede absorve o teu suor.
Então, aos céos mandei a minha voz tremenda :
Que mal te fiz, ó Deus? Que mal te fiz, Senhor?

BERNARDO DE OLIVEIRA

A Mariano segue-se Bernardo de Oliveira. Tem 80 annos e foi companheiro de trabalho de Machado de Assis e Arthur Azevedo durante mais de 18. Arthur costumava dizer-lhe :

— Essa gente por ahí pensa que os maiores amigos de Machado de Assis são José Veríssimo e Mario de Alencar. Engano ! A pessoa a quem Machado de Assis dedica maior amizade é você.

Na sua mesa de funcionario, Bernardo de Oliveira escreveu para Machado de Assis assignar mais de dois mil officios, com a sua bella letra. Detalhe curioso : Machado de Assis não queria ouvir falar em machinas de escrever, que reputava um detestavel americanismo. Entre parenthesis, elle tinha outras cogerisas do mesmo genero : o telephone, por exemplo...

Em 1934, contando 43 annos de serviço lido, sem umas férias, sem a licença, foi Bernardo de Oliveira aposentado, no seu cargo

de Director Geral do Ministerio da Viacção.

Foi grande amigo de Floriano Peixoto, a quem prestou serviços de guerra e de quem recebeu os titulos de Capitão e Major honorario do Exercito e de Coronel da Guarda Nacional. Foi tambem grande amigo de Pinheiro Machado.

Jornalista em certa phase, foi um dos fundadores do *Correio da Manhã*, orgão em que criou a secção de sports.

Bernardo de Oliveira é um poeta delicado e amoroso, como o vemos neste soneto:

PASSEIO MATINAL

Temos ar, temos luz; vamos, querida,
Por estes campos fóra, em devaneio;
Ha flores no gramado, e o doce enleio
Das aves a cantar; há sol e ha vida.

Que formosa manhã! Tudo convida,
Em dia assim, a um rustico passeio...
E não te assalte o minimo receio,
Que as serpes por aqui não têm guarida.

— Como te fica bem esta sombrinha!

E ella salta, e ella ri, cantando, e grita,
E a apanhar borboletas vae, caminha.
Nunca a vi, como agora, tão bonita!
Nem senti como agora não ser minha
Aquella que o meu ser enleva e agita.

Esse lyrismo amoroso e delicado elle o exteriorisa ainda mais vivamente neste lindo soneto intitulado *Aperto de Mão*, que bem mereceria estar numa das collecções de Alberto de Oliveira.

Na minha grossa mão, rude e calosa,
Detive ha pouco a sua mão de neve;
Quasi quebrei aquelle brinco leve.
Quasi emaguel aquella fragil rosa.

E mais vivi naquelle instante breve,
— Breve instante de vida esperançosa —
Do que hei viv'ido e que viver se deve
Numa longa existencia tormentosa.

E quiz beijar aquella mão... Tremia
Tanto, porém, de estar na minha preza,
Que a deixei livre, como ser queria.

Sinto agora minha alma em fogo accessa...
Porque fizeste tu. — que fantasia!
Mãos como aquella, oh! grande Natureza!

SATURNINO DE OLIVEIRA

Saturnino de Oliveira, o oitavo da irmandade, falleceu ha uns tres annos. Foi durante algum tempo funcionario dos Correios em São Paulo. Depois regressou ao Rio e aqui se empregou numa casa de commercio. Seu pendor poetico parece ter sido principalmente humoristico.

Mas possuia tambem uma suave inspiração lyrica, como o demonstra este soneto:

DOR MUTUA

— Parte, vae vel-a, fala-me a saudade,
Vae-te encher de ventura junto della;
Vae banhar-te na doce claridade
Do seu olhar. Escuta. Anda. Vae vel-a!

Revela ao mundo o teu amor. Revela
Toda a tristeza que a tua alma invade,

Que te será mais branda esta procella
Que obumbra o céu da tua felicidade.

Penas que ella de ti vivendo ausente
As mesmas penas que tu sentos, sente
E ouve tudo tambem quanto te digo.

Porque se o pensamento tens errante,
A hucal-a, tambem a todo instante
O pensamento della está contigo.

ALFREDO MARIANO DE OLIVEIRA

O decimo irmão de Alberto, de Oliveira, Alfredo Mariano, é director de secretaria aposentado da Bibliotheca Nacional. Publicou em 1920 *uma Correspondencia e Critica de Castro Alves* e em 1926 prefaciou uma edição dos *Folhetins de França Junior*. Foi durante muitos annos jornalista, fazendo parte da redacção do *Correio da Manhã*. E' de sua autoria este soneto, escripto em Junho do anno passado, por occasião da data natalicia de D. Alzira de Oliveira, sua irmã:

Outro — se temos todos da poesia
Mais ou menos o dom — versos melhores,
Mais bellas rimas e odorantes flores,
Pode sagrar-te neste bello dia.

Eu, porém, que conheço a sem valia
Da minha musa, que dos d'ssabores
Sabe apenas pintar com negras cores
Os tristes quadros da melancolia,

Isso apenas te dou. Mas, se saudar-te
Venho com o coração no que te mando,
Os defeitos que vires pôe de parte...

Nota que em ponto mais humano acerto,
Neste dia, de longe, te abraçando,
Já que não posso te abraçar de perto.

LUIZ MARIANO DE OLIVEIRA

Propositadamente deixei para o ultimo lugar o nome de Luiz Mariano de Oliveira, que deveria figurar antes do de Alfredo Mariano, por ser o nono irmão de Alberto.

E' um homem encantadoramente modesto, esse artista perfeito, a quem Alberto de Oliveira confiava a organização das collectaneas de suas *Poesias* e a revisão dos seus versos.

Luiz, que é funcionario aposentado dos Correios de Netheroy, quasi nada tem publicado de seus versos, embora haja largamente escripto. O que guarda em suas gavetas daria para formar varios volumes.

Foi em sua casa que Alberto de Oliveira morreu. Já muito perto do transe final, agra-

desido á bondade do irmão que o levara para casa e lhe dera o carinho encantador de sua família, Alberto tomou a mão de Luiz, acariciou-a, e disse :

— Meu irmão, você é bom como o pão.

Poeta lyrico é elle, poeta de intensa emoção amorosa. Ouçamos o seu bello soneto *Extasis* :

Tão vivo amor nos olhos teus fulgura,
Têm os teus olhos tanto brilho agora,
Que quando os cerras surge a noite escura,
Que quando os abres resplandece a aurora.

Tua argentina voz é tão sonora,
Tem acórdes tão cheios de ternura,
Que quando falas todo o mal minora,
Que quando cantas todo o bem se apura.

Tão intenso é o fulgor que se irradia
De teus languidos olhos, grandes, graves;
Tua voz tem tão doce melodia,

Modulações de tal maneira suaves,
Que quando me olhas vejo a luz do dia,
Que quando te ouço escuto a voz das aves.

Ao saber que eu pretendia fazer na Academia uma palestra sobre os irmãos poetas de Alberto de Oliveira, Luiz Marliano enviou-me um dos seus poemas mais característicos — *Arrancada de heroes*. São dezenove estrophes masculas, que elle offereceu ao mais velho da familia, Joaquim, quando este fez os seus 86 annos. E' esta a poesia, onde passam tantas imagens, onde ha tanto mysterio, que tanto diz da vida desses irmãos admiraveis :

E's tu da grande prole o mais antigo,
O mais forte, e autorizo-me a dizel-o
Da garbosa irmandade o mais am'go,
O foco reflector do Sete-estrello.

Varão sublime de uma estirpe augusta !
Quanta gente te inveja essa pujança,
Essa virilidade herculea e justa,
Que a mocidade hodierna não alcança !

O bastão de commando bem mereces
Desses bravos titans, que aqui te imitam
Desvendando da vida os lances; desses
Outros também que o Empíreo agora habitam.

São homens denodados, persistentes,
A prova já de fogo, de almas nobres,
Amigos até a morte, indiferentes
Aos thesouros da terra, honestos, pobres.

Impavidos caminham pelo mundo,
Revezes e perigos afrontando,
Em frente unida, a dois ou tres de fundo,
Alegres e viris cantarolando.

Se este tropeça e soffre, em prompto auxilio
Agrupam-se-lhe em torno os outros todos...
E a afflicção se converte em doce idyllo
Pelo melhor dos bemfazejos modos.

E á pugna encarniçada após se lançam.
Vibram armas de multiplos matizes,
Audazes, resolutos; não se cansam
Do pelear tremendo. E são felizes...

**Avançam mais. As rudes atalalas,
Espantadas, os postos deixam, correm
Do campo, atraz deixando as priscas raias...
Adiantam-se os heroes; já cinco morrem.**

**Avançam sempre. Os barbaros, sombrios,
Ao vel-os frente a frente se apavoram.
Do dorso hirsuto escumam suores frios,
Indecisos recuam, ralvam, choram...**

**Ao alcance do braço a um delles feres...
Tambem ferido estás, embora! Avante!
Se outros golpes, como este, mais lhe deres,
Terás prostrado o tetrico gigante.**

**Avante! Avante! Avante! Abre caminho
Aos teus irmãos! Sê riço, estolço, forte!
Não desanimes ainda que sozinho
Hajas de pelejar com a trega morte.**

**Não te poupa o inimigo fero e bruto;
Investe contra ti a cabeçadas,
Como touro bravio; é mau e astuto:
Ataca-o por tua vez a cutiladas!**

**Alberto, o melgo, o principe dos poetas,
Com toda aquella magica poesia,
Não logrou commover esses atletas,
Elle, que rudes gentes commovia.**

**Tombou, cantando, no combate insano,
Attingido por golpe de surpresa,
Elle o super-cantor do engenho humano,
O glorificador da Natureza!**

**E's o guia, o cabeça, o ferreo escudo,
Dessa phalange que repulsa o medo.
Truculento é o cyclope? Ousado? Rudo!
Mas por terra tambem rola o penedo.**

**Mais uns golpes como este, mais um passo,
Mais um arranco e os louros da victoria
Alcansado terá teu destro braço!
Conquistado terás excelsa gloria!**

**Não ouves de clarins alviçareiros
O toque animador que no ar se espalha?
E' o cantio triumphal dos companheiros
Que te exhortam do Céu á ardua Batalha.**

**É o hymno de louvor ao destemido
Mais resistente que ferrenho tronco,
Que os vinga, accommettendo esse atrevido
Seculo dashumano, fêlo e bronco.**

**Ela! Avante, exemplo e honra de uma raça,
Que a ferrugem dos tempos não consome!
Avante! Se na vida tudo passa,
Na historia ao menos ficará teu nome.**

Nessa *Arrancada de heroes*, Luiz Mariano interpretou fielmente o bello e justo orgulho de sua familia — dessa privilegiada familia de mulheres e homens tão bellamente organizadas, no physico e no espiritual. (1)

CONCLUSÃO

Quasi sem me advertir, e apenas seguindo de longe a biographia dos irmãos Oliveiras, verifico que compuz uma verdadeira anthologia de bellos sonetos e de bellos poemas.

Muitos delles são trabalhos que podem honrar com os do nosso querido confrade morto, com os do poeta lapidar de *Raoso*, da *Janella* de

com os do poeta lapidado de ouro, de Jullieta e de A Casa da Rua Abílio.

Evocando diante da Academia Brasileira as figuras de todos esses poetas, irmãos de Alberto de Oliveira, lendo de cada um delles algumas estrophes enternecidas ou magistraes, creio que prestei ao artista dos *Sonetos e Poemas* a homenagem que elle mais estimaria. E para todos nós essa evocação e essa leitura não terá deixado de ser muito util, pois nos auxilia talvez a ter uma nova comprehensão, mais humana e mais commovida, de Alberto de Oliveira.

Na frente do quadro que aqui acabei de traçar, recordando esses numerosos poetas, vemos como que em nova luz a figura do nosso grande confrade. Ella resalta, sem duvida, mais nitida, aureolada de uma luz mais pura.

Percebemos agora que Alberto de Oliveira não caminha solitario, na estrada de sua formosa e altissima gloria. Coroados tambem de um louro imarcessivel, alguns dos seus irmãos o seguem fielmente, na ascensão maravilhosa!...

Mucio Leão

(1) — Acompanhando a *Arrancada de heroes* e o soneto *Extasis*, Luiz Mariano escreveu a Bernardo uma carta, que me parece devo transcrever aqui. E' a seguinte :

"Em 21 de Abril de 1941.

Bernardo.

Saude.

Junto quatro sonetos e a *Arrancada de heroes*, que, a meu ver, é a melhor das produções presentes, adequada mesmo ao fim que se tem em vista. Ah!, ha allusão aos irmãos todos, às idades, à união que existe e sempre existiu na Irmandade, à ferocidade do inimigo (o seculo) ao abatimento do irmão mais velho, já ferido e prestes a vencer a luta, aos cinco mortos, ao Alberto, que tombou cantando (na vespera de sua morte elle recitou um dos seus sonetos), attingido por golpe de surpresa (ataque de uremia) ha de tudo, inclusive os accents tonicos na ultima palavra de cada verso em cada estrophe, bem como a laenção de versos agudos. Os proprios adjectivos não se repetem. Esses versos novos serão depois publicados, sendo agora lidos numa douta Academia. Por tais mo-

Olves eu desejo que seja citada, na conferência
do nosso amigo Mucio, a Arrendada de Herodes,
onde apparecem os dez velhinhos da valente pha-
lange. Não tive tempo para recolher sonetos,
pois não havia tempo para isso.